

**BERNABÉ RIVERA E A DESCONSTRUÇÃO DO "HERÓI":
RESSIGNIFICAÇÕES DO PASSADO NO ROMANCE *¡BERNABÉ!*, *¡BERNABÉ!*, DE
TOMÁS DE MATTOS**

**BERNABÉ RIVERA AND THE DECONSTRUCTION OF THE "HERO":
RESIGNIFICATIONS OF THE PAST IN THE NOVEL *¡BERNABÉ!*, *¡BERNABÉ!* BY
TOMAS DE MATTOS**

DOI 10.20873/ufft2179-3948.2022v13n3p50-65

**Lucas Sidnei Carniel¹
Gilmei Francisco Fleck²
Hugo Eliecer Dorado Mendez³**

Resumo: Tendo como base teorias analíticas do romance histórico elencadas por FLECK (2017), AÍNSA (1991) e BASILE (2002), propomos, neste trabalho, uma leitura da obra *¡Bernabé!*, *¡Bernabé!*, de Tomás de Mattos. Isso ocorre a partir da problematização feita sobre o evento histórico conhecido oficialmente como “O Massacre de Salsipuedes”. Buscamos oferecer as ferramentas analíticas para a interpretação do romance a partir da desconstrução do personagem Coronel Bernabé Rivera, comandante responsável pela missão que resultou no morticínio de indígenas pertencentes à etnia dos charruas, durante o processo de independência do Uruguai no século XIX. A partir desta leitura, objetivamos relacionar a interpretação da obra de Mattos (1994) a possíveis críticas à ditadura cívico-militar que imperou no país entre os anos de 1973 e 1985.

¹ Doutorando no Programa de Pós-graduação em Letras (Doutorado), da Unioeste (Universidade Estadual do Oeste do Paraná) – Campus de Cascavel, na linha de pesquisa: Linguagem Literária e Interfaces Sociais. Mestre em Letras pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) – Campus Pato Branco, na linha de pesquisa Literatura, Sociedade e Interartes. Graduado em Letras Português e Espanhol – Licenciatura pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), campus Realeza (PR). Atua como professor substituto de Português e Espanhol no IFPR (Instituto Federal do Paraná) – Campus de Coronel Vivida e professor titular de Linguagem e Interação da Unipar (Universidade Paranaense) – Campus de Francisco Beltrão. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0183-8983>. Contato: carniel.lucas@gmail.com.

² Pós-doutorado (2015) em Literatura Comparada e Tradução pela Universidade de Vigo, com Bolsa da CAPES. Atualmente, é Professor Associado da Unioeste – campus de Cascavel, atuando na Graduação em Letras, nas áreas de Literatura e Cultura Hispânicas e na Pós-Graduação em Letras (Mestrado Acadêmico e Doutorado), nas áreas de Literatura Comparada e Tradução. No Mestrado Profissional (Profletras), atuou como coordenador do Programa (2018-2020) e como docente na área da Literatura Infantil e Juvenil. É coordenador do PELCA: Programa de Ensino de Literatura e Cultura-PROEX/Unioeste-Cascavel. É líder do Grupo de Pesquisa “Resignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção –vias para a descolonização”, cadastrado na CAPES. Orcid: <https://orcid.org/0000-4228-2566>. Contato: chicofleck@yahoo.com.br.

³ Doutorando na área de Linguagem Literária e Interfaces Sociais: Estudos Comparados e Literatura pela Unioeste. Mestre em Literatura Comparada pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). Possui graduação em Letras com habilitação em Língua Portuguesa, Italiana e suas respectivas Literaturas, na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), onde foi bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), CNPq. Membro do Grupo de Pesquisa cadastrado no diretório do CNPq: Resignificações do passado na América: Leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de histórica e ficção- vias para a descolonização. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8613-8136>. Contato: felipebemol@hotmail.com.

Palavras-chave: romance histórico; América Latina; literatura comparada; ditadura.

Abstract: Based on the analytical theories of the historical novel listed by FLECK (2017), AÍNSA (1991) and BASILE (2002), in this paper we propose a reading of the novel *¡Bernabé!, ¡Bernabé!*, by Tomás de Mattos. This starts from the problematization done about the historical event officially known as “The Massacre of Salsipuedes”. We seek to offer analytical tools for the interpretation of the novel based on the deconstruction of the character Colonel Bernabé Rivera, the commander who was the responsible for the mission that resulted in the murder of the natives Charruas during the independence process of Uruguay in the 19th century. From the reading we make of the novel, we aim to relate the interpretation of this work by Mattos (1994) to possible criticism concerning the civic-military dictatorship that ruled the country between 1973 and 1985.

Keywords: historical novel; Latin America; comparative literature; dictatorship.

Panorama das histórias de resistência

A história da América é formada por lutas e resistências marcadas pela pluralidade de visões, discursos, expressões culturais e ideologias. A perspectiva histórica dicotômica, muitas vezes adotada com fins didáticos na análise do passado do nosso continente, não é apta para tentar compreender os tantos matizes que cada episódio histórico compreende. Diante dessa constatação, nos diversos campos do conhecimento em que os tempos pretéritos são artefato em estudo, os intelectuais americanos buscam, cada um a partir das prerrogativas das suas áreas, penetrar nas impetuosas águas do mar abissal que é o passado destas terras.

A História e a Literatura, como imperatrizes no estudo desses oceanos de experiências humanas, produzem dentro das suas redes epistêmicas conhecimentos que se entrelaçam, ora de formas amistosas ora rispidamente, no intuito de não só compreender o passado, mas de (re)conhecê-lo e, em alguns e venturosos casos, ressignificá-lo. Com esse último processo, referimo-nos a uma reorganização consciente e concreta dos elementos epistemológicos que constituem um determinado episódio histórico, os quais não só tangem o passado, mas também o presente, pela sua repercussão, e o futuro, pela sua interpretação no presente.

O entendimento desses nexos entre o ontem, o hoje e o amanhã, embora pareça algo lógico à primeira vista, ainda é um quefazer para nós, analistas das narrativas dos tempos pretéritos. A leitura/análise/interpretação de um episódio histórico como um elemento dissociado do vasto oceano de experiências humanas é, ainda, um artifício que impede a vinculação de outros saberes e outras perspectivas aos nossos estudos. Ao tratarmos da história da América Latina, essa

vinculação, para além de um procedimento técnico necessário, torna-se essencial.

O extenso território latino-americano e os distintos povos que aqui habitam possuem uma intensa e significativa história de luta e resistência. A chegada arrasadora dos colonizadores europeus, episódio histórico que marca o início da existência do chamado Novo Mundo para a historiografia — mas não o começo da nossa civilização, que ativamente se desenvolvia neste território muito antes da chegada dos colonizadores e conquistadores vindos das metrópoles europeias — provoca um violento choque histórico-cultural que repercutiria, incessantemente, na trajetória política, econômica, social, cultural e religiosa dos povos destas terras até a atualidade. Esse capítulo histórico, que seria o marco de início da era moderna, fim do estreito pensamento medieval e o começo da maior expansão territorial dos povos europeus ocidentais, teria, em contrapartida, implicações devastadoras no nosso território.

O processo de conquista e colonização, árduo e intrincado, esteve marcado mormente pela resistência dos autóctones e pelas ações incessantes do colonizador por estabelecer seu domínio sobre a terra e sua gente. Com o passar dos anos, essa soberania europeia foi se acentuando nas distintas regiões da América que passaram a ser colônias exploradas, produtoras de matérias primas e riquezas minerais. Desse modo, a escrita da história desses períodos — conquista e colonização, em especial — consignou, num longo primeiro momento, apenas a visão dos conquistadores que, ao terem o domínio da escrita, erigiam imagens exaltadoras e heroicas de suas próprias ações ou daquelas de seus companheiros.

No entanto, depois de vários séculos de subjugação, exploração, domínio europeu e aculturação dos povos nativos no nosso território, outro episódio histórico, tão significativo e marcante quanto o da descoberta e da colonização, viria estalar e irromper-se por essas terras: os processos de independência e descolonização territorial.

Grandes movimentos civis armados surgiram nas distintas regiões do continente, desencadeando diversas revoltas, guerras e revoluções que visavam à independência dos territórios e à expulsão das metrópoles colonizadoras dominantes. Esses movimentos independentistas, que se estenderam pelos séculos XVIII e XIX, tiveram as suas particularidades em cada região onde se originaram, contando, cada um deles, com um matiz singular e diferenciado no seu andamento. Os movimentos libertários de independência tiveram, em geral, uma natureza conflituosa e agitada em todo o território continental, porém, o *modus operandi* dos povos que lutaram pela sua liberdade divergiu de acordo com múltiplos fatores históricos e culturais. De qualquer forma, a evidente

insustentabilidade dos regimes colonizadores que subjogavam, exploravam e controlavam o território continental desencadeou uma série de ações históricas que resultariam na independência dos povos colonizados e na fundação de nações autônomas no continente americano.

Os episódios das independências latino-americanas e da fundação das nações, no entanto, estiveram distantes de poder ser vinculados aos signos de “liberdade” e “emancipação” intelectual, política ou cultural. Estudiosos contemporâneos, como Quijano (2000) e Castro-Gómez e Grosfoguel (2007), discorrem a respeito da vigência dos vínculos coloniais, caracterizados pela dominação e pela exploração do poder hegemônico sobre os campos econômico, político, social e epistêmico das sociedades subalternizadas. Quijano (2000) refere-se a essa série de estruturas de controle hegemônico, instauradas desde o início da colonização da América, e que continuaram e se metamorfosearam após as independências, como estruturas da colonialidade.

No século XX, na América Latina, os conflitos não resolvidos do passado, as trocas de poder interno e os interesses externos, guiados sempre pelas estruturas da colonialidade, provocaram mais lutas e mais resistências. Novos rostos assumiram a imagem da autoridade hegemônica, enquanto os povos subalternizados foram reorganizados e divididos para, nessa nova estrutura social, serem ainda relegados à margem social, intelectual, econômica e política.

Alguns exemplos desses conflitos podem ser encontrados no desencadeamento de golpes realizados por militares com o maciço apoio de representantes da sociedade civil (como empresários, políticos, membros do judiciário, conglomerados de mídias, representantes da Igreja etc.) contra democracias eleitas pelo voto popular a partir da década de 1950. Tais Aparelhos Ideológicos de Estado (AIEs) - na definição de Louis Althusser (1996) – são empregados por uma superestrutura jurídico-política e ideológica como formas de manutenção do Poder de Estado por parte dos militares com o sustentáculo das entidades supramencionadas. Os governos totalitários de direita levaram a cabo seu projeto ditatorial em quase todos os países da América Latina com vistas a reforçar a defesa de interesses neocoloniais dos Estados Unidos na região, dentro do contexto da Guerra Fria (1950-1989) e combater ideologias vinculadas aos pensamentos de esquerda.

O ponto nodal da DSN⁴ era a percepção de que a URSS utilizava o comunismo internacional como instrumento de agressão e de subversão no interior dos países. Frente a isso, os EUA contrapunham uma guerra total e permanente. Auto proclamando-se

⁴ A Doutrina de Segurança Nacional, de onde vem a sigla DSN, foram um conjunto de princípios, mais tarde convertidos em lei, que embasaram técnicas de repressão contra opositores dos regimes ditatoriais na América Latina.

defensora do “mundo livre”, a superpotência capitalista impôs uma divisão de tarefas no plano militar, correspondendo aos países latino-americanos arcar com a proteção dos seus territórios nacionais. (PADRÓS, 2012, p. 498)

A partir de uma propaganda que supostamente visava a combater o “comunismo” na América Latina empregando o lema de defesa da “pátria”, da “propriedade” e da “família”, os governos cívico-militares buscavam o apoio e a simpatia de seus habitantes, apelando fortemente para, numa definição *focaultiana*, a construção de sujeitos com corpos dóceis, humildes e altamente especializados para desempenhar as mais variadas tarefas na defesa dos interesses ideológicos do estado. Com o não-assujeitamento de determinados grupos sociais - tais como políticos de esquerda, militantes, artistas e demais intelectuais, muitos destes influenciados pela vitória na Revolução Cubana (1953-1959) – a estas formas de poder em ascensão na região, o aparato ideológico do Estado emprega técnicas repressivas na vã tentativa de minar esses grupos opositores. Por esta razão, intelectuais e militantes de partidos esquerdistas foram perseguidos, sequestrados, torturados e mortos pelo Aparelho Repressivo de Estado.

Inserido neste processo político-ideológico, o Uruguai, apesar de haver gozado de períodos de bonança econômica – a ponto de ser reconhecido como a “Suíça das Américas” no início do século XX – e consideráveis períodos democráticos, também sucumbiu à ditadura a partir de 1973. O presidente civil Juan María Bordaberry, apoiado por militares, dissolveu o Poder Legislativo e concentrou todos os poderes em sua figura. Nesse sentido, a forma que a ditadura tomou no Uruguai diferenciou-se de outros países, já que dos quatro ditadores que estiveram no governo durante o regime que findou em 1985, três foram civis (Bordaberry, de 1973 a 1976; Alberto Domichelli, 1976; Aparício Mendez, de 1976 a 1981) e apenas um militar (general Gregório Álvarez, de 1981 a 1985), que foi o responsável pela abertura democrática. Entretanto, ainda que o poder estivesse simbolizado na persona de um civil, o poder de fato era exercido pela cúpula militar, que implementou o mesmo regime de perseguição ideológica contra opositores registrados em outros países.

De igual modo, o papel da arte também foi relevante no registro desses desmandos e na necessidade de levar-se a um plano reflexivo os acontecimentos relatados na esfera político-ideológica. Diante disso, nesta análise, debruçar-nos-emos em um estudo comparativo entre História e Ficção a respeito do romance uruguaio *¡Bernabé!*, *¡Bernabé!*, de Tomás de Mattos. Publicada em 1988, apenas quatro anos após o final da ditadura cívico-militar no país, a obra

propõe uma versão alternativa para a morte do Coronel Bernabé Rivera (1795-1832), militar condecorado por haver participado de inúmeras batalhas no país platino, na primeira metade do século XIX. Como afirma Verdesio (1996, p. 42), a memória coletiva construída em torno de Bernabé, e seu tio, o ex-presidente Fructuoso Rivera (1784-1854), é bastante positiva, pois até hoje, no país, estátuas, nomes de cidade, escolas, vilarejos e ruas homenageiam as duas figuras. “Los nombres de Fructuoso y Bernabé Rivera son parte del panteón nacional en Uruguay. Su heroísmo y patriotismo son enseñados, desde la escuela primaria, como verdades incuestionables”.

Em grande parte, tais honrarias se fortaleceram enquanto imperou a ditadura militar no Uruguai entre os anos de 1973 e 1984. Como forma de reafirmar seu poderio naquele contexto histórico, os mecanismos de ufanismo exacerbado típicos de governos autoritários empenharam-se em transmitir à população a ideia de um legado positivo de figuras militares do passado. Tais expedientes mantêm-se até os dias de hoje, ainda que as atitudes destas personalidades tenham sido altamente criminosas, como é o caso dos dois militares da família Rivera mencionados neste trabalho. Como representantes de uma classe privilegiada e membros do alto escalão do exército no Uruguai dos anos 1830, ambos promoveram o morticínio de indígenas da etnia dos charruas, no contexto do pós-independência uruguaia.

No entanto, podemos encontrar em alguns textos literários um ponto de dissonância na manutenção desses discursos oficiais que atuam na criação de uma memória coletiva benéfica a determinadas figuras. São algumas classes de obras que contribuem para *ressignificar* o passado pelas vias da ficção, oferecendo uma versão alternativa para os acontecimentos históricos a partir de novos pontos de vista problematizadores. Ancorados nos estudos teóricos desenvolvidos por Fleck (2017) a respeito das formas de manifestação dos romances históricos, objetivamos, com este trabalho, analisar como a figura do personagem Bernabé Rivera é apresentada na obra de ficção *¡Bernabé!, ¡Bernabé!*, em contraste com a aura heroica construída ao seu redor nos discursos oficiais, em um processo histórico e ideológico que já dura quase dois séculos.

1 Formas de narrar o passado

A História e a Literatura são, como apontamos, imperatrizes no estudo das experiências humanas pretéritas. Ambos epistemes dialogam e se complementam no intuito de revisitar, recriar, conhecer e (re)conhecer o passado. Os relatos históricos e os ficcionais permanecem subordinados aos parâmetros da linguagem, sendo frutos, assim, de uma série de seleções subjetivas em que se

discriminam dados, registros, pontos de vista etc.

Para Cecilia Fernandez Prieto, ambos os discursos podem ser considerados como “construções da realidade”, produtos escorados nas prerrogativas de cada área do conhecimento.

Assim,

[...] lo que consideramos realidad y lo que consideramos ficción depende de convenciones culturales y sistemas de creencias. De ahí que la frontera entre ambas categorías sea porosa e inestable. No cabe hablar de un salto ontológico entre lo real y lo ficcional, sino siempre de formas de interrelación que se actualizan en modos y grados distintos según los códigos de género. (FERNÁNDEZ PRIETO, 1994, p. 121)

Em sintonia com a teórica literária espanhola Fernández Prieto, o historiador francês Chartier (1990) coincide na necessidade de rever e reformular as noções de “realidade” e “ficção”, aplicadas tanto à literatura quanto aos estudos historiográficos, dado que “nenhum texto — mesmo aparentemente mais documental, mesmo o mais “objetivo” (por exemplo, um quadro estatístico traçado por uma administração) – mantém uma relação transparente com a realidade que apreende” (CHARTIER, 1990, p. 63).

A tênue fronteira entre os produtos intelectuais das áreas em discussão, desse modo, é cada vez menos lógica e clara. Pois, como apontam os pesquisadores brasileiros Albuquerque e Fleck (2015), ao considerarmos o caráter real ou ficcional de uma determinada representação como “uma estratégia convencionada no âmbito de uma comunidade linguística, torna-se cada vez mais complicado encontrar diferenciações e explicações convincentes para se apresentar, de maneira lógica e clara, os discursos históricos e ficcionais como construções distintas” (ALBUQUERQUE & FLECK, 2015, p. 35).

Isso, no entanto, não faz com que o texto ficcional seja o mesmo que o texto histórico. O romance, como aponta o historiador Peter Gay (2010), “fornece reflexos muito imperfeitos” da sociedade, como um “espelho que distorce” a realidade (GAY, 2010, p. 18). Essa distorção, como aponta Chalhoub, é intencional, dado que a literatura “busca a realidade, interpreta e enuncia verdades sobre a sociedade, sem que para isso deva ser a transparência ou espelho da matéria social que representa e sobre a qual interfere” (CHALHOUB, 2003, p. 92). Para Fleck (2005), os produtos escritos da tarefa literária e historiográfica, embora se assemelhem, nunca serão iguais, “já que a intenção que move uma não é a mesma que impulsiona a outra. História é ciência, e literatura é arte. Sendo assim, algumas abordagens e métodos empregados no cumprimento de seus objetivos podem até ser compartilhados, mas o que as diferencia é o fim que as move” (FLECK, 2005, p.

30).

Ao contar os episódios pretéritos do desenvolvimento da sociedade, literatura e história percorrem veredas análogas, mas não iguais. No ato de narrar os acontecimentos do passado, ambas as áreas contam com as suas próprias e bem cultivadas prerrogativas. A narrativa ficcional, por exemplo, possui a liberdade de alternar o tempo cronológico por intermédio das variações imaginativas, pois a estrutura de seu discurso é altamente autorreflexiva. O que torna evidente que o plano do enunciado difere do plano da enunciação. A narrativa histórica, por outro lado, utiliza-se da mimesis como elemento para o desenvolvimento do tempo histórico, o que implica a ligação entre o tempo natural e o cronológico (NUNES, 1988).

Desde as suas primeiras manifestações como disciplina, no século XIX, a Literatura Comparada tem demonstrado interesse pela transversalidade, seja quanto a análise de obras oriundas de países distintos, seja pela problematização dos limites presentes entre as esferas do conhecimento. Desta forma, a investigação de obras literárias que empregam eventos históricos como fio condutor para o desenvolvimento de suas narrativas tornou-se aspecto relevante para os estudos comparados. Conforme Coutinho (2014, p. 34): “O intercurso que se verificou entre a Literatura Comparada e a História constitui um capítulo à parte, uma vez que o discurso historiográfico é um dos elementos básicos que compõem os Estudos Literários”.

Neste sentido, o interesse pelo discurso historiográfico na literatura permeia obras de diferentes gêneros há séculos. No entanto, é apenas no início do século XIX que o gênero romance emprega o discurso historiográfico na construção de uma obra. Trata-se de *Waverley*, escrita pelo escocês Walter Scott e publicada em 1814. A partir desta publicação, outras surgem no mercado editorial europeu e são editadas e reeditadas à casa dos milhares, tais como *Ivanhoe* (1820), também de Scott; *Nossa Senhora de Paris* “*Corcunda de Notre Dame* (1831), de Victor Hugo, entre outras. Nesse modelo, as narrativas que ecoam o passado sempre mitificam as atitudes das figuras consideradas pelo imaginário popular como grandes heróis de sua história nacional. Tal recurso escritural é considerado por Fleck (2017) como romance histórico acrítico, uma vez que estes não visavam a narração da história com um viés crítico dos acontecimentos.

A eleição dos tempos passados para a ambientação da diegese nos romances históricos clássicos era feita muito mais para gera empatia com o público leitor – que deveria reconhecer claramente esse passado de sua nação e identificar-se com os conflitos aí apresentados – que para fazer uma releitura crítica desses eventos ou de seus protagonistas. (FLECK, 2017, p. 41)

No entanto, novas perspectivas foram adotadas tanto na historiografia quanto na literatura

no século XX. Os processos de renovação nas metodologias e nas formas de composição em ambas as áreas intensificaram a produção de obras em que o passado era revisitado e relido de maneiras diversas. As obras produzidas sob essas novas vertentes teóricas, centraram-se na desconstrução das “verdades absolutas” pregadas pela história positivista e pela literatura de cunho tradicional. No gênero romance histórico, as narrativas abriram espaços para as vozes marginalizadas e excêntricas do passado e incorporaram dentro da diegese uma série de estratégias escriturais e discursivas desconstrucionistas, como a carnavalização das personagens históricas, o emprego de recursos metaficcional na releitura do passado e a intertextualidade, entre outras. Esses recursos literários deram às obras maior criticidade em relação à história, abrindo espaços dentro das narrativas para questionar o discurso oficializado pelo poder hegemônico. Aínsa (1991) analisa o processo de desconstrução operado dentro dos romances históricos em relação às personagens consagradas pela historiografia latino-americana:

*La escritura paródica nos da, tal vez, la clave en que se puede sintetizarse la nueva narrativa histórica. La historiografía, al ceder a la mirada demoleadora de la parodia ficcional, a la distancia crítica del descreimiento novelesco que transparente el humor, cuando no el grotesco, permite recuperar la olvidada condición humana. Gracias a la ironía, la ‘irrealidad’ de los hombres convertidos en símbolos en los manuales de historia recobran su ‘realidad’ auténtica. **La desconstrucción paródica rehumaniza personajes históricos transformados en ‘hombres de mármol’.** (AÍNSA, 1991, p. 85, destaque nosso)*

Esse processo de humanização, desconstrução e/ou paródia das grandes figuras nacionais e continentais pode ser verificado em diversos romances históricos que tratam da vida e dos feitos de distintos personagens do passado. Essa forma de narrar se opõe aos romances históricos críticos, que encontrarão na América Latina do século XX fértil espaço para sua disseminação. No plano da investigação dos estudos comparatistas, o movimento de renovação investigativa também é empreendido por acadêmicos latino-americanos, especialmente a partir da segunda metade do século XX. Desta forma, na região, esta forma de escrita tingem-se de cores locais e incorpora diferentes tonalidades daquelas que consagraram o gênero no outro lado do Atlântico, ganhando, inclusive, uma nomenclatura própria: Novo Romance Histórico Latino-Americano.

(...) o processo de escrita desconstrucionista dos novos romances históricos não considera a cristalização de imagens heroicas ou mitificadas nos discursos precedentes, pois ele apenas age sobre elas e as reelabora segundo as intenções críticas e subversivas da ideologia que sustenta uma releitura ficcional do passado, abandonando a intenção de glorificar e exaltar fatos e personagens sem estabelecer relações de causa e consequência. (FLECK, 2017, p. 75).

É a esta modalidade escritural que se filia o romance ora em análise. Empregamos esta interpretação porque a obra aborda períodos históricos relevantes para a constituição do Uruguai enquanto nação (é importante ressaltar que até 1825 o país pertencia oficialmente ao Brasil), mas não se atem somente aos eventos solenes e prestigiados do discurso oficial. Dividido em, ao menos, quatro períodos históricos distintos (cinco, se levarmos em conta o seu tempo de publicação), a narrativa empenha-se na reconstrução da história do país a partir das batalhas pela independência e fortalecimento fronteiriço contra nações estrangeiras.

2 Uma nação fraturada: ressignificando o passado para compreender o “presente”

A espada, desembainhada pela mão direita, tenta retratar fúria imponente impondo-se de forma ameaçadora contra um inimigo desconhecido, à frente. A mão esquerda, cerrada, espreme com força os dedos contra a palma, enquanto o peito estufado evidencia o uniforme militar exclusivo apenas às patentes mais altas do Exército uruguaio. O semblante é ameaçador, com as grossas sobrelanceiras franzidas, espremendo os olhos, à guisa de combate. A cena poderia representar qualquer trecho de filme antigo sobre batalhas campais, mas é a descrição da estátua erigida em honra ao Coronel Bernabé Rivera - militar uruguaio nascido em 1795, na cidade de Durazno, e falecido em 1832, no departamento de Artigas - que levou a cabo o etnocídio de indígenas pertencentes ao povo dos Charruas, no evento histórico conhecido como “O Massacre de Salsipuedes”, durante o contexto histórico da independência uruguaia no século XIX. O monumento se localiza na cidade de Tacuarembó e foi instalado em 1977, enquanto imperava, no Uruguai, uma ditadura cívico-militar (1973-1985). Acrescenta-se a esta homenagem uma outra, esta também bastante significativa: uma vila localizada ao norte do país, pertencente ao departamento de Artigas, denominada Localidad Bernabé Rivera. Antes de se chamar desta forma, o vilarejo era conhecido por Pueblo Yacaré. A mudança ocorreu em 1975, também durante a ditadura militar.

As duas homenagens ao militar configuram um *modus operandi* do regime de exceção uruguaio: uma vez no poder, os ditadores ocuparam-se em construir uma memória positiva para figuras militares do passado como forma de fortalecer seu poderio naquele presente. Tais expedientes estão representados no nome da cidade e na construção da estátua. Mesmo com o fim da ditadura e o retorno à democracia, permanecem até hoje as loas ao falecido militar. Ambas as reverências são bastante significativas no que diz respeito à forma como a memória de

personalidades históricas é mantida pelo discurso oficial na contemporaneidade.

Nos últimos anos, essas honrarias vêm sendo problematizadas em obras de ficção. Uma delas é o romance *¡Bernabé!, ¡Bernabé!*, publicado em 1988 pelo escritor Tomás de Mattos (1947-2016), nascido na mesma cidade de Tacuarembó onde a figura do militar eterniza-se na pedra esculpida. Se o fato de a estátua haver sido instalada em sua cidade natal produziu-lhe influências para a produção do romance, podemos apenas tecer conjecturas. O fato é que as condutas e a caracterização do personagem histórico Bernabé Rivera são desconstruídas pela tessitura ficcional a partir da narração da personagem Josefina Péguy.

Nesse sentido, torna-se mister salientar o papel da Literatura no processo de desconstrução dessas personagens mitificadas pelo discurso oficial. Publicado apenas três anos após o fim da ditadura militar, o romance de Tomás de Mattos realiza um movimento crítico peculiar por criticar aqueles que, até pouco tempo antes, haviam ocupado despoticamente o poder no país, mas, situando o contexto histórico da enunciação no século XIX, período de formação do estado nacional uruguaio também muito conturbado, com o registro de lutas nas fronteiras, ditaduras de Latorre e Santos e a guerra da Tríplice Aliança. Tal expediente escritural também é relevante para ressignificar a épica da independência do país. Para além de uma narrativa romântica estabelecida pela Historiografia e parte da Literatura nacional, *¡Bernabé!, ¡Bernabé!*: “Diseña una nueva cartografía de la historia uruguay que va hilando las diversas dictaduras que atravesaron su historia, señalando el fuerte peso de la casta militar en los destinos del país”, (BASILE, 2002, p. 89).

Essa perspectiva narratológica que ressignifica as origens do país e estabelece novas interpretações para o processo fundacional da nação, inclusive atribuindo papéis não tão nobres a personagens heroicizados pelo discurso oficial também apontam para a fragmentação social provocada pela última ditadura militar.

La “herida” de la dictadura tuvo también entre sus consecuencias (...) el quiebre de los imaginarios sobre la “Suiza de América”, “El país más democrático de América Latina” provenientes del batllismo. La crisis de identidad suscitó una doble tendencia: el cuestionamiento de aquellos valores democráticos que ahora tambaleaban y la recuperación simbólica de los sectores disgregados de las políticas nacionales (“indianidad” y “africanidad”). Ambos problemas complementan íntimamente en la crítica a las políticas autoritarias responsables de las pérdidas sociales y culturales. (BASILE, 2002, p. 90).

Diante deste quadro, *¡Bernabé!, ¡Bernabé!* oferece aos leitores um panorama reinterpretado do processo histórico de formação nacional do país. O texto se organiza a partir de um prólogo,

produzido em 1946, por um certo M. M. R., que apresenta a personagem fictícia Josefina Peguy (nascida em 1833 e falecida em 1912), membra de uma elite cultural e econômica de Tacuarembó, casada com Juan Pedro Narbondo (ele também um intelectual e membro de uma “nobreza” local), e coparticipe de eventos relevantes da construção histórica do país, tendo em vista que teve contatos muito próximos com figuras históricas importantes, tais como Bartolomé Mitre, Justo José de Urquiza, Frutos Rivera, Melchor Pacheco y Orbes, entre tantos outros.

Na leitura do prólogo, descobre-se que o jornalista Federico Silva, diretor do jornal *El Indiscreto*, solicita a Josefina documentos intitulados “*Archivo Narbondo*” no qual encontram-se informações sobre Bernabé Rivera. Essa solicitação desencadeia em Josefina o papel de uma “cronista”, produzindo uma longa missiva (o que insere a obra no gênero romance epistolar) ao jornalista, na qual conta, a partir de sua perspectiva, a biografia de Rivera, não deixando de evidenciar os aspectos negativos e até mesmo vexatórios das ações do militar. Referimo-nos aqui a ao trecho em que se relata a prisão de Rivera no Brasil, após ter participado de uma batalha contra a tropa imperial de Dom Pedro I. Na prisão, Rivera goza de certo prestígio e, em pouco tempo, torna-se amigo do príncipe e futuro monarca.

Por su parte, Bernabé no tuvo necesidad de adaptarse al confinamiento. Todas las versiones, le sean o no hostiles, aseguran que no tardó em granjearse el afecto del propio príncipe, don Pedro, a quien habría deslumbrado en unas jornadas hípicas desarrolladas en la Corte. No me pidas que te explique como Bernabé llegó a participar en ellas porque ignoro. (MATTOS, 1994, p. 35)

Ainda que nem toda a totalidade das aventuras de Rivera tenham alcançado o conhecimento de Josefina, algumas observações a respeito da recepção dele são pertinentes para podermos compreender como o uruguaio foi visto pela elite brasileira do século XIX, bastante impregnada pelo ideal de cultura dos europeus, especialmente franceses.

Las ridículas de las cariocas se derretían viendolo empilchado, entre oros y mármoles, para los rigores del campo de la Cisplatina. Según ella, se veían a sí mismas como se estuviesen em Buckingham obsequiando, con la magnanimidad de las damas de um gran Imperio, a um exótico y hermoso rajá de la Malasia. (MATTOS, 1994, p. 37)

A observação da narradora, parafraseando uma certa Ana Monterroso, dialoga com Schwarz (2000), que, ao abordar a Literatura Brasileira do século XIX, adverte para um costume de certa elite nacional de macaquear os trejeitos oriundos das classes mais abastadas do Velho Mundo. Cita, à guisa de exemplo, o embate entre o romântico José de Alencar e o intelectual Joaquim Nabuco,

que brigavam até para ver quem sabia mais francês (SCHWARZ, 2000, p. 39).

O bom trânsito que Rivera teve junto à elite brasileira não foi o suficiente para que, na guerra, tenha dispensado o mesmo tratamento aos combatentes brasileiros. Empregando táticas ilegais, o coronel deixou claro que não havia amizade em tempos de guerra.

Los nuestros, según don Atanasio oyó quejarse a los jefes adversarios, si bien respetaron la vida e integridad de los rendidos, no vacilaron en ofender el decoro y los usos marciales. Se precipitaron sobre los brasileiros; los encerraron en um círculo utilizando las lanzas como degradantes picanas, y, no conformes com despojarlos de todas las armas y de la mitad de los caballos, los obligaron a apretujarse de a dos y hasta de a tres en las montas que le dejaron, (MATTOS, 1994, p. 40)

O relato evidencia o tratamento cruel dispensado por Rivera aos soldados inimigos que foram capturados durante uma batalha. A “picana” descrita pela narradora é um agulhão empregado por boiadeiros para ferir com estocadas os bois que puxavam o carro. Ao utilizar o instrumento, a narrativa associa os capturados a animais. Neste episódio, os inimigos não são, ainda, os índios charruas, mas sim soldados brasileiros a mando da tropa imperial. Os primeiros são empregados como aliados na guerra contra brasileiros pelo domínio de terras fronteiriças. A aliança estratégica com os indígenas foi usada como ferramenta pelo governo uruguaio, presidido por Don Frutos Rivera, para manter os charruas como parceiros. No entanto, o “problema charrua” já estava na lista de assuntos a serem resolvidos pelo novo governo.

As tropas comandadas por Bernabé Rivera não hesitaram em promover um assassinato em massa de indígenas pertencentes a esta etnia. Apenas cinco membros de um grupo de 400 indígenas entrincheirados no arroio Salsipuedes permaneceram vivos após o embate com os mais de 1.200 homens de Rivera. O cacique Vaimaca Peru, Senaqué, Tacuabé e Guyunusa foram feitos de refém e, mais tarde, vendidos a empresários franceses para viverem como títeres da elite europeia dos anos 1830.

O relato evidencia, a partir da perspectiva de Josefina, a traição cometida pelo estado uruguaio contra uma população originária. No entanto, a sociedade da época não só apoiou a ação, como também procurou justificá-la, concebendo aos Rivera (tio e sobrinho) contornos de humanistas, já que permitiram que alguns membros da tribo continuassem vivos. Tal comportamento fica caracterizado pelo pai da narradora Josefina Péguy a quem “no le gustaba hablar mucho de esta campaña. Admitia que tuvo ‘aspectos horrorosos’, pero no se le enturbiaba la conciencia”, (MATTOS, 1994, p. 52). Mesma postura adotada pelo marido de Josefina.

Narbondo se atrincheró, como siempre, en el bando de mi padre. “Lo que hizo, por más

duro que haya sido, fue necesario, y nadie lo habría planeado y realizado mejor: las bajas fueron, verdaderamente, en uno y otro bando, las indispensables. De los nuestros murieron muy pocos, y de los índios, aparte de que se salvó toda la chusma, sobrevivieron vários caciques y unos cuantos hombres de pelea. (MATTOS, 1994, p. 52)

O discurso de Narbondo evoca a retórica do “nós contra eles” quando coloca no papel dos outros, do inimigo, a figura dos indígenas. Foi o mesmo expediente empregado por ditadores durante o regime militar, que colocava neste papel do “eles” todos os indivíduos que se opusessem àquela forma de governo, taxados, genericamente, de “comunistas”. Sob esse prisma, índios e opositores políticos ocupam um mesmo espaço discursivo e ideológico contra os governos da ocasião.

O morticínio dos indígenas não foi suficiente, portanto, para que a figura de Bernabé (e, por extensão, seu tio) ficasse prejudicada aos olhos da elite uruguaia, como resta evidente nas falas de Péguy e Narbondo. A tia de Josefina, Emilia, também concorda com os dois homens da família. Na obra *A permanência no Círculo: hierarquia no romance brasileiro*, o crítico Roberto Reis elenca como está representado o poderio patriarcal nos romances brasileiros do século XIX e XX. A partir do *locus* escolhido pelo crítico, fica claro que, mesmo que o tempo avance e o pensamento se modernize, a literatura sempre apresenta as relações de maneira hierarquizada, partindo da visão hierárquica e patriarcal, como se esta tivesse um poder inabalável. A partir desta perspectiva, é possível apontarmos o pai e o marido de Josefina como o núcleo do poder, ocupam um papel central nas relações sociais. A tia Emília, ainda que seja mulher, emula as opiniões dos patriarcas. A exceção é Josefina que, apesar do passar dos anos, manteve a opinião de sempre: “No voy nunca a ser juez: detesto a los que emiten dictámenes, sentados en sus escritórios, liberados de las incontables presiones que conlleva toda situación. Pero si puedo decir que esas matanzas me avergüenzan [...]”, MATTOS, 1994, p. 58).

O posicionamento da protagonista contrasta com a opinião de homens e mulheres cuja dominação econômica, cultural e social ultrapassou os séculos e encontrou eco na América Latina do século XX, praticamente toda recoberta por governos militares. É a partir da carta escrita pela narradora que temos acesso a uma visão crítica dos acontecimentos do passado. É este mecanismo de problematizar os eventos pretéritos que torna possível classificar a obra como um romance histórico de caráter crítico. O fato de *¡Bernabé!*, *¡Bernabé!* ter sido publicado poucos anos depois do fim da ditadura uruguaia reforça o projeto da arte latina de problematizar os anos em que gerais ditaram os rumos da nação a partir de eventos históricos mais remotos.

Considerações finais

Neste artigo, a partir de pressupostos teóricos que embasam o estudo do romance histórico no âmbito da América Latina, procuramos expor uma interpretação problematizadora da figura do herói concebida a certos personagens da História da América Latina, neste caso específico, de Bernabé Rivera, coronel uruguaio responsável pelo massacre de indígenas pertencentes à etnia dos charruas.

Durante o século XIX, a partir da gênese do que se convencionalizou classificar como Romance Histórico Acrítico, na definição proposta por Fleck (2017), o papel de personagens reais não era problematizado pelas narrativas, que preferiam trazer como mote as histórias de amor, em voga na época.

A obra aqui analisada trilhou um caminho diferenciado das modalidades clássica e tradicional dos romances históricos, uma vez que, além de não trazer uma história de amor, aponta visões destoantes entre a biografia de personalidades históricas presente no lastro oficial da Historiografia do país e o ponto de vista da narradora-protagonista. Desta forma, o romance de Tomás de Mattos critica o papel de Bernabé Rivera no processo de formulação de uma identidade nacional. Faz isso utilizando como expediente linguístico marcas da ironia e malabarismos narratológicos, fazendo com que a narrativa perpassasse por diferentes períodos históricos.

Ademais, é necessário levarmos em consideração que a obra, publicada apenas três anos depois do fim da Ditadura Militar no país oriental, busca criticar o papel recente dos militares no regime imposto fazendo um exercício narratológico de situar a estória mais de um século antes daquele presente. Considerando os argumentos aqui elencados, tratamos a obra analisada como pertencente à classe de textos do Novo Romance Histórico Latino-Americano, já que desconstrói a figura de um herói nacional, até hoje homenageado, e colocando como centro da narrativa uma protagonista mulher.

Referências

AÍNSA, Fernando. *La reescritura de la historia en la nueva narrativa latinoamericana*. Cuadernos Americanos v. 4 n. 28. p. 13-31. Madrid, 1991.

ALBUQUERQUE, Adenilson de Barros de; FLECK, Gilmei Francisco. *Canudos: conflitos além da guerra – entre o multiperspectivismo de Vargas Llosa (1981) e a mediação de Aleilton Fonseca (2009)*. Curitiba: CRV, 2015.

- BASILE, Teresa. *La Novela Histórica de la Pósdictadura en Uruguay: 1985-1995*. La Plata, 2002. 284 p. Tese (Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación) - Universidad de La Plata, La Plata, 2002. Disponível em: <https://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/tesis/te.126/te.126.pdf>. Acesso em: 25 set. 2022.
- CASTRO-GÓMEZ, Santiago. GROSFOGUEL, Ramón. (Org.). *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo de Hombres Editores, 2007.
- CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis Historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 1990.
- COSTA MILTON, Heloisa. *As histórias da história: retratos literários de Cristóvão Colombo*. 1992. 189 f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.
- COUTINHO, Eduardo. Literatura Comparada Hoje. In: ABDALA JUNIOR, Benjamin (org.). *Estudos Comparados: teoria, crítica e metodologia*. Cotia: Ateliê Editorial, 2014. P. 17-42.
- FERNÁNDEZ PRIETO, Cecilia. *La verdad de la autobiografía*. Revista de Occidente, n. 154, p. 116-130. Madrid, 1994.
- FLECK, Gilmei Francisco. *O Romance Contemporâneo de mediação: entre a tradição e o desconstrucionismo – releituras críticas da história pela ficção*. CRV: Curitiba, 2017. 308 p.
- GAY, Peter. *Represálias Selvagens: realidade e ficção na literatura de Charles Dickens, Gustave Flaubert e Thomas Mann*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- MATTOS, Tomás de. *¡Bernabé, Bernabé!*. Montevideu: Banda Oriental, 1997.
- NUNES, Benedito. *Narrativa histórica e narrativa ficcional*. In: RIEDEL, Dirce Cortes (org.). *Narrativa: ficção e história*. Rio de Janeiro: Imago, 1988, p. 9-35.
- QUIJANO, Aníbal. *Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina*. In: LANDER, Edgardo (Org.). *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales*. Buenos Aires: CLACSO, 2000.
- REIS, Roberto. *A permanência no círculo: hierarquia no romance brasileiro*. Niterói; EDUFF, Brasília: INL, 1987.
- SCHWARZ, Roberto. *As ideias fora do lugar*. In: *Ao Vencedor as Batatas*. 5. ed. São Paulo: Editora 34, 2000.
- VERDESIO, Gustavo. *Revisión de la historia oficial en dos novelas históricas de la post-dictadura uruguaya. Kipus: revista andina de letras*, Quito. p. 41-49, 1996.

*Recebido em 29 de novembro de 2022.
Aceito em 30 de janeiro de 2023*